

UMA NARRATIVA EXTRAORDINÁRIA/ESTRANHA/VIOLENTA/FANTÁSTICA/
EXTRAVAGANTE E, NO ENTANTO, DOMÉSTICA/FAMILIAR/SIMPLES/
PROSAICA/DESPRETENSIOSA: “THE BLACK CAT” E SUAS TRADUÇÕES PARA
O PORTUGUÊS

Maria Rita Drumond Viana

A Denise Bottman, que ao incluir em seu excelente blog “Não gosto de plágio” (<http://naogosto.deplagio.blogspot.com/>) cotejos das traduções de Poe, me inspirou a fazer este estudo.

Resumo: O uso da ironia na obra de Poe é amplamente reconhecido e é de central importância na leitura de seus contos. A ironia tem muitas funções em Poe: ela equilibra alternativas, cria uma distância entre o narrador e o ironista (que pode ser o autor ou não) e é também um tipo de ironia de auto-denúncia que chama atenção para incongruências nas narrativas. Ao trabalhar com os textos de Poe, tradutores têm que fazer opções que afetam as formas como a ironia é construída nos originais. Esse estudo explora traduções do parágrafo introdutório de “The black cat” para o português e discute as escolhas feitas pelos diferentes tradutores, analisando seus efeitos ao manter, mudar ou dissipar as ironias do original.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe · “O gato preto” · tradução para o português

Abstract: Poe’s use of irony is widely recognized and seen as central to the reading of his fiction. Irony in Poe has many uses: it reconciles alternatives, it distances the narrator from the ironist (who may or may not be the author), and it is the kind of self-disparaging irony that highlights incongruities in the story. When working on Poe’s stories, translators are often faced with options that will sometimes resolve ambiguities and thus affect the ironies therein. This study will assess the first paragraph of translations of “The Black Cat” into Portuguese and highlight the choices made by the various translators, analyzing their effect in maintaining, changing, or subduing ironies present in the original text.

Key words: Edgar Allan Poe · “The Black Cat” · translations into Portuguese

Poucos leitores atentos de Edgar Allan Poe, hoje em dia, presumiriam uma correspondência direta entre o autor e seus narradores. Um dos maiores feitos deste autor é a criação de uma voz distinta para seus personagens, que se revelam ao contar as suas desventuras tanto pelo que de fato narram quanto pela forma como narram, inclusive no que é conspicuamente excluído da narrativa. James W. Gargano, argumentando em defesa da sofisticação da construção de narradores na obra de Poe, explica que “os protagonistas (...) narram seus próprios pensamentos e são enganados pelas suas próprias paixões. Em suma, Poe os entende muito melhor do que eles jamais poderiam entender a si mesmos”.¹ Essa posição de Poe, e conseqüentemente de seu leitor sensível, distanciados do narrador, possuidores de um conhecimento que lhe é negado, cria, por si só, uma situação de ironia, um tipo de

¹ GARGANO. The question of Poe’s narrators, p. 177, tradução minha.

ironia dramática.² Diferentemente da ironia dramática mais comumente encontrada em peças, por exemplo, pelo uso de solilóquios, a ironia dramática em Poe é construída a partir da ironia de autodenúncia: narrativas em primeira pessoa, na sua maioria, os narradores são eles mesmos alvos da ironia ao revelarem, por meio de suas palavras e ações, certos motivos, interesses e características que eles ou não percebem ou não pretendiam revelar. As formas que Poe usa para alcançar esse efeito são várias, e incluem justaposições, paralelismos, uso de negativas, inversões das expectativas anteriormente criadas, lacunas irônicas, hipérboles, paralipse, repetições, discrepâncias, etc.

Embora seja a ironia um jogo de dois,³ nem sempre a intenção irônica pode ser perfeitamente reconstituída. São casos em que a ambiguidade é, em si mesma, o objetivo da ironia. Essa ambiguidade busca a reconciliação de opostos ao mesmo tempo em que a nega, sendo assim duplamente irônica. Em Poe, pode-se ver essa ironia na constante tensão entre sanidade e demência, entre o sobrenatural e o psicológico, sem que, muitas vezes, possa-se optar por um ou outro – e argumenta-se que justamente a necessidade de resolução levaria ao empobrecimento do texto de Poe.⁴

É portanto difícil negar a importância da ironia (seja ela local, verbal, romântica, instável) na obra de Poe. No entanto, ironia é notadamente um dos conceitos mais difíceis de nosso vocabulário crítico.⁵ Essa dificuldade parte tanto da impossibilidade final do acesso à intenção do ironista (a despeito de marcas e traços que ele possa deixar) quanto dos recursos disponíveis ao leitor para a interpretação dessas marcas, caso existam. Stanley Fish refuta até mesmo essa possibilidade, restringindo a validade da interpretação da ironia a esta ou aquela comunidade interpretativa.⁶ Como então traduzir ironia, tão escorregadia, não somente para outra língua, mas para outra comunidade de falantes daquela língua?

A popularidade de Edgar Allan Poe no Brasil se reflete no número de traduções existentes de um de seus contos mais famosos, “The black cat”. Em um levantamento feito por Denise Bottman para o seu blog “Não gosto de plágio” constam quase 30 traduções originais do conto, seja diretamente do original em inglês ou por interposição.⁷ O objetivo deste estudo é explorar como seis diferentes traduções do primeiro parágrafo de “The black cat” para o português lidam com as ironias presentes do original a partir de uma leitura minuciosa de passagens selecionadas.

As seis traduções utilizadas foram: de Guilherme da Silva Braga, em *O gato preto e outros contos*; de Ricardo Gouveia, em *O gato preto e outras histórias*; de Oscar Mendes e Milton Amado, em *Ficção completa, poesia e ensaios*; de Aldo Della Nina, em *Assassinatos na rua Morgue e outras histórias*; de José Paulo Paes, em *Histórias extraordinárias*, e de Brenno Silveira, em *Antologia de contos de Edgar Allan Poe*.

Logo no primeiro parágrafo do conto já se estabelecem muitos dos elementos que caracterizam as ironias do texto: a justaposição do inacreditável com o meramente doméstico, da

² Devido a existência de diversas taxonomias dos diferentes tipos de ironia, usarei os tipos descritos por D. C. Muecke e providerei explicações sempre que seu entendimento saia do sentido usual dos termos.

³ BOOTH. *The rhetoric of irony*.

⁴ HIRSCH. Review, p. 460.

⁵ COLEBROOK. *Irony*, p. 1.

⁶ FISH. Short people got no reason to live: reading irony, p. 181.

⁷ BOTTMAN. O gato brasileiro, Poe IV. <http://naogostodeplagio.blogspot.com>.

loucura e do lógico, do grotesco e do lugar-comum. Essas idéias antitéticas são apresentadas neste primeiro parágrafo de modo a chamar atenção para as tensões da narrativa e para a oscilação do narrador que, como em um cabo-de-guerra, sente-se puxado ora para um dos pólos, ora para outro. A ironia reside precisamente nessa tensão: não é possível determinar se estamos diante de um louco que racionaliza ou diante de um racionalista enlouquecido. A pretensão à lógica aqui pode ser vista como uma tentativa pomposa do narrador de se justificar, ao mesmo tempo em que a leitura sobrenatural pode ser entendida tão somente como alucinações de uma mente ensandecida. De qualquer forma, a ironia impede que se chegue a uma leitura definitiva e demonstra a incapacidade do narrador de entender a sua posição, seja ela qual seja. Aos textos.

No original de Poe:

For the most wild, yet most homely narrative which I am about to pen, I neither expect nor solicit belief. Mad indeed would I be to expect it, in a case where my very senses reject their own evidence. Yet, mad I am not – and very surely do I not dream. But tomorrow I die, and to-day I would unburthen my soul. My immediate purpose is to place before the world, plainly, succinctly, and without comment, a series of mere household events. In their consequences, these events have terrified – have tortured – have destroyed me. Yet I will not try to expound them. To me, they have presented little but Horror – to many they will seem less terrible than *barroques*. Hereafter, perhaps, some intellect may be found which will reduce my phantasm to the common-place – some intellect more calm, more logical, and far less excitable than my own, which will perceive, in the circumstances I detail with awe, nothing more than an ordinary succession of very natural causes and effects.⁸

Na tradução de Silveira:

Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda certeza, não sonho. Mas amanhã posso morrer e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. Meu propósito imediato é apresentar ao mundo, clara e sucintamente, mas sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Devido a suas conseqüências, tais acontecimentos me aterrorizaram, torturaram e destruíram. No entanto, não tentarei esclarecê-los. Em mim, quase não produziram outra coisa senão horror – mas em muitas pessoas, talvez lhes pareçam menos terríveis que grotesco. Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum – uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que a minha, que perceba, nas circunstâncias a que me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais.⁹

Na tradução de Mendes:

Para a muito estranha embora muito familiar narrativa que estou a escrever, não espero nem solicito crédito. Louco, em verdade, seria eu para esperá-lo, num caso em que meus próprios sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Contudo, louco não sou e com toda certeza não estou sonhando. Mas amanhã morrerei e hoje quero aliviar a minha alma. Meu imediato propósito é apresentar ao mundo, plena, sucintamente e sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Pelas suas conseqüências, estes acontecimentos me aterrorizaram, me torturaram e me aniquilaram. Entretanto, não tentarei explicá-los. Para mim, apenas se apresentam cheios de horror. Para muitos, parecerão menos terríveis do que grotescos. Mais tarde, talvez, alguma inteligência se encontre que reduza meu fantasma a um lugar comum, alguma inteligência mais calma, mais lógica e bem menos excitável que a minha e

⁸ POE. The black cat, p. 281.

⁹ SILVEIRA. O gato preto, p. 1.

que perceberá nas circunstâncias que pormenorizo com terror apenas a vulgar sucessão de causas e efeitos, bastante naturais.¹⁰

Na de Paes:

Para a narrativa muito estranha, embora familiar, que ora começo a escrever, não espero nem peço crédito. Louco, na verdade, seria eu se o esperasse num caso em que meus sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Louco, porém, não sou e, com toda certeza, não estou sonhando. Mas como amanhã morrerei, quero hoje aliviar a minha alma. Meu imediato propósito é o de apresentar ao mundo, de forma simples, sucinta e sem comentários, uma série de meros acontecimentos domésticos. Por suas conseqüências, esses acontecimentos me aterrorizaram, me torturaram e me destruíram. Todavia, não tentarei explicá-los. A mim não representaram senão o horror. Para muitos, parecerão menos terríveis do que *barrocos*. No futuro, talvez se possa encontrar algum intelecto que reduza o meu fantasma a um lugar-comum; um intelecto mais calmo, mais lógico e bem menos excitável que o meu, e que perceberá, nas circunstâncias que pormenorizo com terror, tão somente uma sucessão ordinária de causas e efeitos muito naturais.¹¹

Na tradução de Nina:

Não espero nem suplico que dêem crédito à narrativa mais violenta e, ao mesmo tempo, mais simples, que vou fazer. Seria verdadeiramente louco se o esperasse, num caso em que meus sentidos, os meus próprios sentidos rejeitam a evidência. Mas... não sou louco... E indubitavelmente não estou sonhando. Amanhã, morrerei. Hoje, quero descarregar a alma. O meu fim imediato é colocar perante o mundo, simplesmente, sucintamente, sem nenhum comentário, uma série de simples fatos caseiros. Nas suas conseqüências, eles me terrificaram, torturaram, aniquilaram. Não tentarei expô-los. Para mim, nada mais apresentam do que horror; para muitos, parecerão menos espantosos do que barrocos. É possível que, mais adiante, se descubra uma inteligência capaz de reduzir o meu fantasma a um lugar comum, uma inteligência mais calma, mais lógica, e muito menos excitável que a minha, e capaz de perceber, nas circunstâncias que pormenorizo com pavor, uma sucessão apenas comum de causas e efeitos naturalíssimos.¹²

Na de Braga:

Quanto à fantástica e, ao mesmo tempo, prosaica história que estou prestes a narrar, não espero nem peço que me acreditem. Eu seria um louco consumado se o esperasse em um caso como o presente, em que meus próprios sentidos rejeitam as evidências que se lhes apresentam. No entanto, não sou louco – nem tampouco sonho. Mas amanhã eu morro, e hoje me apraz aliviar a alma. Meu desígnio imediato é apresentar ao mundo de forma simples, sucinta e desprovida de comentários uma série de meros acontecimentos domésticos. Com suas conseqüências, tais eventos me aterrorizaram – me torturaram – me destruíram. Contudo, esforçar-me-ei por não os explicar. Para mim, os eventos mencionados pouco representam além do Horror – a muitos parecerão menos terríveis do que barrocos. Chegará o dia, talvez, em que algum intelecto reduzirá minha quimera ao prosaico – um intelecto mais ponderado, mais lógico e bem menos excitável que o meu, incapaz de ver, nas circunstâncias que detalharei estupefato, mais do que uma trivial série de causas e conseqüências perfeitamente explicáveis.¹³

Na tradução de Gouveia:

Na mui extravagante, ainda que mui despreziosa narrativa que estou prestes a escrever, não espero nem peço que acreditem. Louco, sem dúvida, seria eu se esperasse, num caso em que meus próprios sentidos rejeitam o testemunho deles mesmos. Contudo, louco é que eu não sou e, com toda certeza, não estou sonhando. Mas vou morrer amanhã, e hoje quero pôr

¹⁰ MENDES. O gato preto, p. 293.

¹¹ PAES. O gato preto, p. 69.

¹² NINA. O gato preto, p. 104.

¹³ BRAGA. O gato preto, p. 41.

para fora o que me pesa na alma. Meu objetivo imediato é colocar perante o mundo, de maneira simples, sucinta e sem comentários, uma série de eventos domésticos banais. Por suas conseqüências, esses eventos me aterrorizaram, me torturaram e me destruíram. Mesmo assim, vou tentar explicá-los. Para mim, eles representam pouca coisa além de Horror; para muitos, parecerão menos terríveis que *grotescos*. No futuro, talvez seja possível encontrar algum intelecto que reduza o meu fantasma ao lugar-comum; algum intelecto mais calmo, mais lógico e muito menos excitável que o meu, o qual nada perceberá nas circunstâncias que passo a narrar com espanto e terror, além de uma corriqueira sucessão de causas e efeitos muito naturais.¹⁴

Logo a primeira oração já exige dos tradutores escolher os termos da oposição entre “wild” e “homely”. Temos os seguintes binários: extraordinária/doméstica (Silveira), estranha/familiar (Mendes e Paes), violenta/simples (Nina), fantástica/prosaica (Braga), e extravagante/despretensiosa (Gouveia). As vantagens do uso de “doméstica” para “homely” são a sua reincidência mais tarde no mesmo parágrafo, enquanto a mais congenial do par estranha/familiar remete à relação entre família e lar (de onde deriva o “homely”), relação excluída de “prosaica”, ainda que a oposição a “fantástica” seja estilisticamente plausível. Já os pares extravagante/despretensiosa e violenta/simples fogem dessa idéia do caseiro, doméstico, enquanto “violenta” extrapola o sentido do texto ao oferecer uma interpretação do tradutor sobre os eventos ainda por vir.

Ao levantar a questão da loucura, e alinhá-la tão somente à expectativa de aceitação da história e não a si mesmo, o narrador ainda assim chama atenção para esse estado. A ironia reside na quase paralipse empreendida: o narrador não quer passar por louco, mas levanta ele mesmo a possibilidade da loucura, e esta relacionada à recepção da história, algo que ele possivelmente deseja. Todas as traduções conseguiram passar essa oposição de forma adequada, embora a questão do testemunho dos sentidos tenha sido relevada em um dos casos, obliterando-se a quebra de comunicação entre os sentidos e sua capacidade de racionalizar, importante na caracterização do narrador praticamente esquizofrênico, a saber: “um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar” (Silveira). Os outros mantêm: “um caso em que meus próprios sentidos rejeitam seu próprio testemunho” (tanto “very” como “own” traduzidos como “próprios”, na de Mendes), “meus próprios sentidos rejeitam as evidências que se lhes apresentam” (o que torna os sentidos agentes passivos da recepção das evidências ao invés de eles próprios apresentarem as evidências, assim reduzindo a cisma, na tradução de Braga), “num caso em que meus próprios sentidos rejeitam o testemunho deles mesmos” (na de Gouveia).

Incompreensivelmente, Silveira introduz um elemento de dúvida na iminente morte do narrador, importante para criar o senso de imediatismo e de (talvez irônica, talvez pretensa) honestidade que o narrador busca criar com esse expediente; uma vez que ele vai certamente morrer e o seu objetivo é tão somente aliviar a alma, ele não teria razão para mentir. Ao mesmo tempo, assim ele busca simpatia e pede justamente o que ele negou querer: aceitação. Silveira traduz: “Mas amanhã posso morrer e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito”, introduzindo uma relação causal apenas ambigüamente intuída no original a partir da conjunção aditiva, solução também adotada por Paes. Mendes mantém a coordenação, mas usa o futuro, o que reduz a presença da morte: “Mas amanhã morrerei e hoje

¹⁴ GOUVEIA. O gato preto, p. 11.

quero aliviar a minha alma”. Nina cria duas orações distintas, mantendo o ritmo da oposição de “tomorrow” e “today”, mas também usando o futuro. Usando a expressão “vou morrer” em vez do “morrerei” adotado pelos outros tradutores, Gouveia transmite um pouco mais da proximidade da morte, mas esta soa mais certa em Braga, que usa o presente assim como o original: “Mas amanhã eu morro, e hoje me apraz aliviar a alma”.

O irônico arranjo da afirmação de serem aqueles “simples acontecimentos domésticos” (em todas as traduções exceto a de Nina, que traz “caseiros”) e seus efeitos descritos em um histriônico¹⁵ isócolon é mantido na maioria das traduções, sendo a mais eufônica a de Braga: “me aterrorizaram – me torturaram – me destruíram”. O uso do incomum “terrificaram” por parte de Nina causa uma estranheza que pode atrapalhar a aliteração produzida com “torturaram”.

As convolutas orações do final do parágrafo, assim como outras sucessivas negações ao longo do texto, apresentam dificuldades para os tradutores. Em “[y]et I will not try to expound them” o narrador cria um contraponto ao que é dito antes e depois, em duas frases carregadas emocionalmente, pelo já mencionado paralelismo e pelo “Horror” capitalizado. É uma pretensão ou uma real tentativa de manutenção da distância lógica, uma distância ironicamente impossível uma vez que espremida entre duas as explosões emotivas. O texto de Gouveia perde mais essa oscilação no pensamento do narrador quando ele traduz: “Mesmo assim, vou tentar explicá-los”.

Da mesma forma, ao especular sobre a futura existência de uma mente mais calma e menos excitável que a sua própria – uma especulação também ambígua, em que não temos certeza se ele acredita na possibilidade de existência de uma mente assim – o narrador mais uma vez pretende a identificação do fantástico com o ordinário, as causas e os efeitos. O que ele de fato faz é dizer que ele não é capaz de ver os acontecimentos como essa sucessão de causas e efeitos, mas que essa interpretação seria possível por uma mente mais calma. Com isso ele nega a sua primeira asserção de uma narrativa simples, eventos meramente domésticos ao mesmo tempo em que parece aspirar, ele mesmo, a essa mente mais lógica. O original traz, de forma simplificada: “some intellect more calm ... than my own ... which will perceive ... nothing more than an ordinary succession of ... causes and effects”. Braga traduz: “um intelecto mais ponderado... que o meu, incapaz de ver, mais que uma trivial série de causas e consequências”. Porque não está claro quem é o sujeito “incapaz de ver”, a oração pode significar que o suposto intelecto não seria capaz de ver mais do que causas e consequências, o que não iria contra o original, mas mudaria a ênfase da capacidade desse intelecto para a sua incapacidade, ou então que o intelecto do narrador é incapaz de ver, o que seria simplesmente falso. Esse é um dos exemplos em que as frases convulsas do narrador criam problemas para os tradutores – e consequentemente para os leitores.

Outro exemplo seria a afirmação que sua mulher teria uma “disposition not uncongenial with my own”, em que a dupla negativa serve como prefiguração irônica dos desentendimentos que levariam a seu assassinato, e que foi, em sua maioria, traduzido como “disposição semelhante” ou “caráter adequado” por Mendes e Silveira, o que dissolve a ambi-

¹⁵ Gargano defende esse tipo de exagero estilístico como sendo não prova da estridência da escrita de Poe, algo que seus detratores apontavam como juvenil, mas exemplo da caracterização dos estados de loucura de seus personagens narradores.

guidade que Gouveia mantém ao trazer “um caráter não incompatível com o meu”, o que deixa nas entrelinhas uma margem para a real incompatibilidade dos temperamentos e eventual desavença entre eles.

Mais do que apontar a tradução mais adequada, este estudo pretendeu analisar como certas escolhas estilísticas afetam diretamente a construção das ironias, tão importantes em “The black cat”. Num texto tão finamente tecido, a atenção aos recursos linguísticos e estilísticos é extremamente necessária para uma boa transposição da expressividade do narrador, para a manutenção das tensões que são, possivelmente, o principal tema deste e de outros contos do autor americano.

REFERÊNCIAS

- BOOTH, Wayne. *The rhetoric of irony*. Chicago: The University of Chicago Press, 1974.
- BOTTMAN, Denise. *Não gosto de plágio*. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://naogosto.deplagio.blogspot.com/>>. Acesso em: 25 nov. 2009.
- BRAGA, Guilherme da Silva Braga (trad.). *O gato preto e outros contos*. São Paulo: Hedra, 2009.
- COLEBROOK, Claire. *Irony*. New York: Routledge, 2004.
- FISH, Stanley. Short people got no reason to live: reading irony. In: _____. *Doing what comes naturally: change, rhetoric and the practice of theory in literary and legal studies*. Durham: Duke University Press, 1990. p. 180-196.
- GARGANO, James W. The question of Poe’s narrators. *College English*, Bloomington, v. 25, n. 3, p. 177-181, dez. 1963.
- GOUVEIA, Ricardo (trad.). *O gato preto e outras histórias*. São Paulo: Scipione, 2007.
- HIRSCH, David H. Review. *American Literature*, Durham, v. 45, n. 3, p. 459-461, nov. 1973.
- MENDES, Oscar; AMADO, Milton (trads.). *Ficção completa, poesia e ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- MUECKE, D. C. *Irony and the ironic*. Nova York: Methuen, 1982.
- MUECKE, D. C. *The compass of irony*. London: Methuen, 1969.
- NINA, Aldo Della (trad.). *Assassinatos na rua Morgue e outras histórias*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- PAES, José Paulo (trad.). *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVEIRA, Brenno Silveira (trad.). *Antologia de contos de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1959. In: WESTFAL, Karina S. *Poe Brasil*. Disponível em: <<http://www.poebrasil.com.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2009.